

...E DE COMO AVALIAR O QUE NÃO SE SABE

Giselda Santana Morais*

A qualificação dos professores de 1º grau no Brasil é uma realidade ainda deprimente. O número de leigos continua grande, os programas de habilitação ou de formação instituídos com o apoio dos organismos centrais (MEC e Secretarias de Educação), em especial para zona rural, não têm conseguido modificar substancialmente o quadro. Questiona-se a capacitação obtida em Escolas Normais. A crescente municipalização do ensino público de 1º grau concorre para a manutenção ou agravamento do problema. A zona rural e as regiões brasileiras menos desenvolvidas (Norte, Nordeste, Centro-Oeste) são campeãs desse retrato negativo de nossa educação.

Tomaremos como apoio a essas afirmativas, e como base para reflexões, alguns dados obtidos em estudos que coordenamos recentemente, dois realizados no Estado de Sergipe e um no Território Federal de Roraima. Esse estudos são amostrais. Dois, denominados *Professores Leigos X Habilitados*, pretendem avaliar também, no contexto dos níveis de qualificação — leigos, habilitados ou em habilitação pelos Logos, habilitados por Escolas Normais — o impacto do Programa Logos II sobre o desempenho dos alunos, em Sergipe⁽¹⁾ e em Roraima⁽²⁾. O terceiro tem co-

* Universidade Federal de Sergipe

(1) *Professores Leigos X Professores Habilitados — o impacto dos programas de habilitação sobre os alunos, a escola, a comunidade e os orçamentos municipais* — Giselda S. Morais (coord), Maria Olga Andrade, Maria Thétis Nunes, Miguel A. Berger, Nélia Oliveira, Neuza Ribeiro, Wilma Porto Prior (Relatório mimeografado — 1985 — UFS) — Artigo no prelo de *Cadernos de Pesquisa* da Fundação Carlos Chagas (Nº novembro 1986).

(2) Relatório final em fase de elaboração.

mo objetivo avaliar o impacto do Programa Educar sobre o processo de alfabetização de adultos em Sergipe. O confronto desses três estudos nos permite perceber melhor uma realidade desanimadora, aprofundando a percepção resultante de mais de quinze anos de atuação em projetos de apoio pedagógico desenvolvidos em escolas de periferia, estaduais e municipais, das cidades de Salvador e Aracaju⁽³⁾.

ALGUNS ASPECTOS DO PERFIL DOS PROFESSORES

Estudos Qualif. prof.	Leigos X Hab. Se		Leigos X Hab. Ro amostra abs.	Educar/Se amostra abs.
	População de 3 munic.	Amostra abs.		
Leigos	142	14	4	70
Logos cursando	98	10	5	
— habilitados	25	10	13	
Escola Normal	50	10	10	31

Observe-se os altos efetivos de professores leigos e ainda em fase de habilitação que, nas amostras naturais maiores, (primeira e última da tabela) representam 79% e 69% do total. Somente em Roraima o número de leigos observados é menor porque efetivamente foi difícil encontrar, nos municípios da amostra, maior número deles atuando em 1.^a série (série selecionada para as pesquisas).

ANOS DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO DOS PROFESSORES (% APROX.)

Estudos anos de experiência	Leigos/Hab. Se	Leigos/Hab. Ro	Educar
— de 1	22	6	37
1 a —5	30	28	44
5 a 10	30	53	14
+ de 10	18	13	05

(3) Relatórios mimeografados: Giselda S. Morais (coord) — *Uma experiência de assistência psicopedagógica* — Proped — UFBA-76; Projeto Interdepartamental Integração Universidade/Ensino de 1.^o Grau — UFS — Aracaju — 1982, 1983, 1984, 1985. Resumos em Anais de vários Encontros Científicos.

Constata-se que somente a amostra de Roraima aparece com percentuais mais altos na faixa de experiência de ensino a partir de 5 anos, indicando, possivelmente, uma população mais estável no magistério. Os altos índices de professores com menos de 5 anos de ensino nos dois estudos de Sergipe confirmam a tendência para a mudança de profissão, desde que outra oportunidade se apresente, uma vez que se trata de uma população composta, em sua grande maioria, de mulheres, para as quais as oportunidades são ainda mais reduzidas. O quadro a seguir mostra que as expectativas de mudar de profissão são fortes entre esses professores.

EXPECTATIVAS DE MUDANÇA DE PROFISSÃO NA AMOSTRA ENTREVISTADA (% APROX.)

Espec. \ Estudo	Leigos/Hab. Se	Leigos/Hb. Ro	Educar (*)
	Mudar de prof.	46	3
Passar p. sist. est.	16		
Não	36	93	
Sem resp.	2	3	

(*) A questão não foi incluída na entrevista desse estudo.

A amostra de Roraima apresenta quase a totalidade satisfeita com a profissão e desejando permanecer nela. Não há dúvida de que uma variável determinante dessa diferença, entre as expectativas dos professores das suas amostras, ficará demonstrada na tabela a seguir.

SALÁRIO DOS PROFESSORES (% APROX.)

Salário \ Estudo	Logos/Hab. Se	Logos/Hab. Ro	Educar (**)
	— de 50% SM	68	
+ de 50% SM	19		27
cerca de 1 SM	13		27
+ 2 a 3 SM		25	
+ 3 a 6 SM		47	
+ de 6 SM		28	

(**) O salário de 55% dos professores dessa amostra não foi incluído na tabela pois representa a soma recebida por mais de uma atividade. Tratando-se de ensino noturno, a maioria tem outro emprego durante o dia. Mesmo alguns dos salários incluídos na tabela representam dois turnos de ensino na mesma instituição.

Com salários semelhantes aos encontrados na amostra de Sergipe é quase um milagre que se possa verificar “efeitos de ensino” sobre os alunos.

Esses professores são, em sua origem, filhos de trabalhadores rurais, operários, pequenos funcionários e negociantes.

DESEMPENHO DOS ALUNOS

Nesses três estudos foram aplicados aos alunos (crianças de 1ª série e adultos na 1ª etapa de alfabetização) testes simples de desempenho em leitura e matemática, preparados de acordo com os programas de ensino indicados para as classes dos professores.

Utilizou-se a análise de variância para examinar as diferenças entre as médias obtidas nos testes pelos subgrupos dos alunos, segundo os níveis de qualificação dos professores. No estudo Leigo/Hab.Se, constatou-se que as médias em ambos os testes — Leitura e Matemática — diferiam significativamente entre categorias que refletem diferentes níveis de qualificação. Assim, entre os subgrupos alunos dos professores Leigos e alunos dos professores com Logos, observou-se diferença significativa a nível de 0,01, favorável a estes últimos. Mas, surpreendentemente, entre os subgrupos Logos e Escola Normal, em ambos os testes, os resultados foram também favoráveis aos alunos dos professores com Logos sendo igualmente significantes a 1%. Entre os subgrupos Leigos e Escola Normal não foram constatadas diferenças significativas.

Analisando-se a variável “anos de experiência de ensino”, obteve-se uma razão F significativa apenas para o teste de leitura a nível de 0,01.

Do lado do aluno, “anos de repetência” apareceu positivamente correlacionada com ambos os testes, indicando que, por força da repetência e da permanência na escola, os alunos terminam por apresentar desempenhos esperados.

De todas as variáveis significativas, a mais forte, segundo o modelo estatístico aplicado, foi porém “qualificação do professor”, que permaneceu favorável aos alunos de professores com Logos, independentemente dos efeitos das variáveis — anos de experiência do professor e repetência e idade do aluno.

Entretanto, no estudo Logos/Hab.RO, os resultados das correlações se apresentam diferentes daqueles encontrados em Sergipe. É verdade que, quanto à “qualificação do professor”, a variável permanece relevante, mas aqui ela aparece em uma razão F significativa a nível 0,01 em ambos os testes no sentido Leigo X Logos e Escola Normal. O desempenho dos alunos dos leigos difere pois daquele dos alunos dos professores

das outras categorias enquanto Logos e Escola Normal não diferem significativamente entre si.

Quanto à variável “anos de experiência de ensino”, as correlações também aparecem para ambos os testes, no entanto, a magnitude do coeficiente é menos forte que o de “qualificação”.

Do lado do aluno, nem “idade”, nem “repetência” aparecem como significativas, mas “zona de residência” apresenta-se positivamente correlacionada com o teste de leitura, com coeficiente favorável à zona urbana, enquanto “sexo” e “escolaridade dos pais dos alunos” aparecem correlacionadas com o teste de matemática.

Além disso, a média de idade dos alunos da amostra de Sergipe é de 9,8 anos enquanto que em Roraima a média encontrada foi de 8,5 anos. E ainda, em Sergipe 78% dos alunos observados repetiam por uma, duas, três ou quatro vezes a 1.ª série, enquanto em Roraima 34% estavam na mesma situação. Também a média de desempenho dos alunos de Sergipe foi menor que a observada na amostra de Roraima, no teste de leitura: Se = 4,8 e RO = 6,4, no teste de matemática: Se = 6,6 e RO = 7,7.

A OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA E OS ESTILOS PEDAGÓGICOS

Assim como se observou o desempenho dos alunos através de testes, desejou-se também observar de alguma forma o trabalho do professor, optando-se nos dois primeiros estudos pela observação direta em sala de aula. Em Sergipe foi realizado, pelos próprios pesquisadores, registro cursivo e registro (de tempo e frequência) de eventos previamente selecionados a partir de estudos exploratórios. No estudo de Roraima foi feito apenas o registro de eventos por observadores treinados.

A análise dos registros do estudo Leigos/Hab.Se permitiu a elaboração de quadros que nos levaram à identificação de um conjunto de características comportamentais, predominando nos sujeitos do subgrupo “professor leigo” e outro conjunto característico do subgrupo “professor Logos”. Sugeriu-se a denominação de estilos para esses conjuntos de características relacionados a: 1) *Uso do tempo*, compreendendo as categorias de : atividade com o grande grupo, atendimento individual, estar na carteira lendo ou escrevendo esperando que os alunos façam tarefa, escrevendo no quadro algo para ser copiado ou resolvido, fora da sala de aula; 2) *Tipos de comportamento ou interação verbal com os alunos* — nas categorias de explicar, perguntar, responder, dar ordens, punir (reprender, reclamar, destratar), dar “feedback”.

O estilo “professor leigo” caracteriza-se pela predominância de: a) *uso do tempo* em atividades de estar na carteira (30% do tempo), atender

individualmente, estar escrevendo no quadro que, somando-se, ocupam, na média da amostra, 75% do tempo; b) *comportamento verbal* de dar ordens, cujo índice (relação frequência por minuto de observação) foi de 1,11 na média da amostra.

O estilo "professor Logos" caracteriza-se pela predominância de: a) *uso do tempo* nas atividades com o grande grupo que ocupa, considerando-se as categorias tomadas isoladamente, 37% do tempo de observação do grupo; b) comportamentos verbais de explicar e perguntar, caindo o índice de ordens para 0,27.

Assim, observou-se que a principal preocupação do leigo parece ser a disciplina na sala de aula. Às vezes perdido ou até angustiado, ele tenta manter os alunos sentados, calados, através das ordens freqüentes e repressões. Por seu lado, o aluno, já concluída a tarefa ou sem saber realizá-la, dificilmente pode atender a essas exigências. Seu tempo acadêmico na sala de aula se reduz ao contato com o professor para mostrar ou receber uma ou duas tarefas do dia. Já o professor com Logos, certamente se esforçando para superar a heterogeneidade da turma, dirige-se preferentemente ao grupo, dando explicações, seguidas de exemplos e perguntas, avaliando a compreensão dos alunos. A preocupação com a disciplina é, por certo, menos necessária, dado o envolvimento dos alunos com as atividades acadêmicas e a maior atenção dispensada pelo professor a cada aluno — seja quando se relaciona com ele como parte do grande grupo, seja individualmente.

Quanto aos professores com Escola Normal não foi possível identificar um estilo característico desse subgrupo. No conjunto eles se aproximam mais dos leigos (com apenas 23% do tempo dedicado ao grande grupo e o índice de ordens médio ficando em 0,79); entretanto, foi o subgrupo de menor amostra na observação e com maior variação no comportamento dos sujeitos. Já no estudo Leigos/Hab.RO esse subgrupo se apresenta de forma diferente. Vejamos alguns dados de confronto entre as categorias de professores:

DISTRIBUIÇÃO DO USO DO TEMPO % LEIGOS/HAB. RO

	Gde Grupo	Carteira	Atend. Ind.	Quadro	Fora da sala
Leigos	10	8	59	22	1
Cursando Logos	26	6	44	24	
Logos concluído	48	5	32	14	1
Escola Normal	47	3	35	14	1

Aqui se verifica claramente o crescendo de atenção dada ao grande grupo e a diminuição das atitudes mais passivas do professor (estar na carteira e escrever no quadro) e da lição individual.

Os índices de interação verbal com os alunos foram em todas as categorias bem mais baixos do que os encontrados em Sergipe, supondo-se que muitas ocorrências tenham escapado aos observadores, talvez não suficientemente treinados para esse tipo de registro de frequência de muitos eventos ao mesmo tempo. Mas a tendência segue na mesma direção. Entre os leigos predominam as ordens; as poucas explicações e perguntas são feitas de preferência quando do atendimento individual.

Entre os professores com Logos e Escola Normal os registros apontam os seguintes índices mais elevados:

	Explicações	Perguntas	Ordens
Logos	0,23	0,19	0,10
Escola Normal	0,15	0,18	0,13

As explicações continuam ocorrendo com maior frequência para o grupo com Logos mas as ordens decrescem em ambos os grupos. Também em quase todos esses sujeitos ocorreu a emissão de elogios ou incentivo e de respostas a perguntas dos alunos, mas sempre em índices muito baixos, variando de 0 a 3 por sessão entre os normalistas e de 0 a 16 para o pessoal do Logos.

As situações — professores e alunos — das duas áreas pesquisadas são, portanto, diferentes. Ora, em Roraima, além do quadro de habilitados já ser significativo, constata-se que, levando-se em consideração o desempenho de alunos e professores observados, os habilitados pelo Logos somam-se aos da Escola Normal com resultados positivos, enquanto em Sergipe os habilitados por Escola Normal somam-se aos leigos em um quadro de resultados negativos. Os salários dos professores de Roraima são muito mais elevados e não só eles não pretendem deixar o magistério como, efetivamente, apresentam uma média de tempo em ensino muito mais alta que o da amostra de Sergipe.

Os dados apresentados são, acreditamos, suficientes para serem tomados como indicadores de uma escola fundamental de melhor qualidade em Roraima, em especial, se consideradas as diferenças entre médias de idade e de anos de repetência dos alunos de 1ª série de ambas as regiões.

É claro que os defeitos da “qualificação” são evidentes — observe-se que em ambos os estudos as diferenças são sempre negativas para os leigos mas nem toda qualificação efetivamente capacita — notem-se

os resultados da amostra de professores de Escola Normal em Sergipe. Uma explicação pode ser encontrada no fato de que em Roraima há uma só Escola Normal, mantida pelo Governo Federal, enquanto em Sergipe há vários Cursos Normais com diferentes mantenedoras, e em cidades do interior de onde vem a amostra pesquisada.

Mas o efeito do salário não deve deixar de ser considerado. Em Roraima certamente ele garante que os professores trabalhem com mais satisfação e permaneçam no magistério, acumulando experiência que também tem efeitos positivos sobre o ensino.

Em termos de desenvolvimento, acesso a meios de comunicação, existência de estradas, indústrias, etc, Sergipe é mais desenvolvido do que o território de Roraima, mas a escola mantida pelo governo federal em municípios daquele território, em contraposição à escola mantida pelos municípios em Sergipe, apresenta-se com um saldo positivo em termos, naturalmente, de aprovação e de aprendizagem.

Essa nos parece uma questão fundamental: para que o Brasil possa sair do bloco das estatísticas peculiares aos países do Terceiro Mundo — altos índices de analfabetismo, repetência e evasão — o problema do ensino de 1.º grau tem que ser levado a sério, no tocante à formação dos professores e valorização financeira e social do trabalho desses profissionais. Avaliação tem que ser incluída como item de formação dos professores pois, antes de tudo, ninguém pode avaliar o que não sabe.

ESTUDO EDUCAR/Se

Também nesse estudo foi introduzido um teste de desempenho em leitura e matemática para uma amostra de alunos da primeira etapa do Projeto, matriculados na fase inicial de alfabetização. Para seus professores, na impossibilidade de realizar uma coleta de dados através da observação direta em sala de aula, num processo amostral que cobrisse toda a área de atuação do Projeto (devido à exigüidade de tempo para treinamento dos observadores, no espaço do cronograma solicitado), tivemos a idéia de introduzir, no questionário-entrevista aplicado aos professores, uma questão, solicitando que aproveitassem um espaço final de 10 linhas para escrever sobre: “o que você pensa sobre a educação de adultos”. O planejamento do estudo tinha sido precedido de observações diretas em salas de aula do Projeto, funcionando em Aracaju e em duas cidades e povoados circunvizinhos. O que mais nos espantara, nessas observações, fora o grande número de erros de grafia e de gramática (e a caligrafia), expostos nos quadros e nos cadernos, escritos pelos profes-

res. Em se tratando de classes de alfabetização, e de adultos, isto nos aparecia como um problema sério.

Quando propusemos a questão, tínhamos a idéia de poder assim observar uma amostra da produção escrita desses professores. Após recebidas as primeiras respostas, a leitura dos textos nos levou a selecionar dez (10) itens para avaliação:

1. pontuação; 2. uso de letras maiúsculas e minúsculas; 3. ortografia; 4. caligrafia; 5. concordância; 6. acentuação; 7. encadeamento de frases; 8. aproveitamento do papel ou fluência; 9. sentido ou frases com significado claro; 10. compreensão do tema.

Cada texto, em cada um desses itens, recebeu uma nota de 2, 1 ou 0.

A avaliação de todos os casos foi feita por esta autora que, no entanto, submeteu uma amostra de sua notação a outros avaliadores, para verificação de discordâncias. Os itens de avaliação mais questionável foram: "caligrafia" (com tendência a uma avaliação média, se legível), "aproveitamento do papel" (2 pontos se as 10 linhas eram simplesmente preenchidas; 1 ponto se escrevia mais da metade das linhas e zero, quando até a metade ou se o sujeito obtivera zero em todos os outros itens) e "acentuação" (uma vez que em muitos casos no texto não apareciam palavras acentuadas).

Os resultados foram colocados em listas sem a identificação dos sujeitos, mas compondo o perfil de cada um. Foi então elaborada a tabela a seguir, sendo os sujeitos reunidos em subgrupos, segundo o tipo de entidade aos quais estão ligados — entidades governamentais (municipais) prioritárias (GP), governamentais não prioritárias (GNP) e entidades não governamentais (NG). Esta classificação, feita pela Fundação Educar, indica municípios definidos como prioritários aos quais deveria ser dada atenção especial, e também os convênios com entidades não governamentais, uma proposta de muita expectativa para os atuais dirigentes da Fundação.

MÉDIAS OBTIDAS NOS ÍTEMS PELOS PROFESSORES x TIPO DE INSTITUIÇÕES

Ent. profs.	itens										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
	N										
GP	40	0,44	1,13	1,39	1,51	0,60	1,11	0,41	1,53	0,93	0,53
GNP	32	0,69	0,87	0,71	1,53	0,78	1,31	0,53	1,43	0,84	0,28
NG	26	0,59	0,74	1,00	0,92	0,62	1,07	0,40	0,96	0,77	0,33

Os dez itens foram englobados em três subconjuntos: T1- compreendendo os seis primeiros itens referentes a aspectos gráficos e gramaticais, T2- referente a aspectos semânticos e TG - total. Com isto obteve-se o percentual de acertos (dividindo-se o total de pontos dos grupos pelo total de acertos esperados possíveis).

	T1	T2	TG
	Aspectos gráficos e gram.	Asp. semânticos	Total
GP	51	42	48
GNP	51	38	46
NG	42	32	38

Estes percentuais já são baixos, mas se retirarmos os 3 itens caligrafia, acentuação e aproveitamento do papel, com tendência a avaliação mais positiva, os percentuais de acerto no TG baixam para 38%, 35% e 32%.

Agora, tomemos, como exemplo, três itens para verificar os totais de sujeitos (sobre 101) que obtiveram notas 0-1-2.

ÍTEMS	n.º de pontos		
	0	1	2
Pontuação	56	33	12
Letra M e m	40	25	36
Concordância	54	26	21

Esse tipo de avaliação, podendo ser aperfeiçoado, permite indicar os pontos mais fracos do desempenho dos professores, servindo de base para o planejamento de cursos e seminários de capacitação e para as atividades de apoio pedagógico a serem desenvolvidas de maneira contínua pelos supervisores. No caso desse estudo, já foi útil para provocar o início da modificação do processo de seleção dos alfabetizadores, procurando-se diminuir a influência das indicações políticas que predomina na região.

Nos testes de desempenho dos alunos foram encontradas as médias de 5,1 em matemática e 4,5 em leitura (1). Os percentuais de acertos se

(1) Outras análises estão sendo feitas com os dados desse estudo, correlacionando-se desempenho de alunos com desempenho do professor, qualificação, anos de ensino e outras variáveis. Participam do estudo: Giselda S. Morais, Wilma Porto de Prior, Maria Olga Andrade, Miguel Berger, e membros da E. T. da Fundação Educar/Se no planejamento, coleta e apuração de dados.

assemelham aos obtidos pelos professores no exame do texto escrito. Novamente cabe perguntar, como é possível ensinar e avaliar aquilo que não se sabe. Repetimos que a avaliação é um tópico da formação, mas também a atividade, a tarefa de avaliar pode ser uma ótima oportunidade para a formação, tanto em conteúdos como em outros aspectos da compreensão dos objetivos educacionais e do relacionamento professor-aluno. Por exemplo, com base em uma sugestão da própria equipe central da Fundação Educar, estamos discutindo com a Equipe Técnica de Sergipe a implantação, com várias modificações, de um *Histórico de Aprendizagem do Aluno*, que servirá para o professor como guia dos conteúdos a serem desenvolvidos em classe, bem como de quadro demonstrativo dos avanços e das dificuldades de cada aluno. Consideramos esse tipo de instrumento como de alto valor formativo, sobretudo para grupos de professores menos qualificados, e para seus supervisores, uma vez que serve de roteiro para “o que ensinar”, “o que avaliar”, podendo ser ponto de partida para muitas reflexões no processo educativo.

